

# POEMAS DE LINO MACHADO: UMA ANTOLOGIA

---

## POEMS BY LINO MACHADO: AN ANTHOLOGY

Paulo Muniz da Silva\*  
Pedro Freire\*

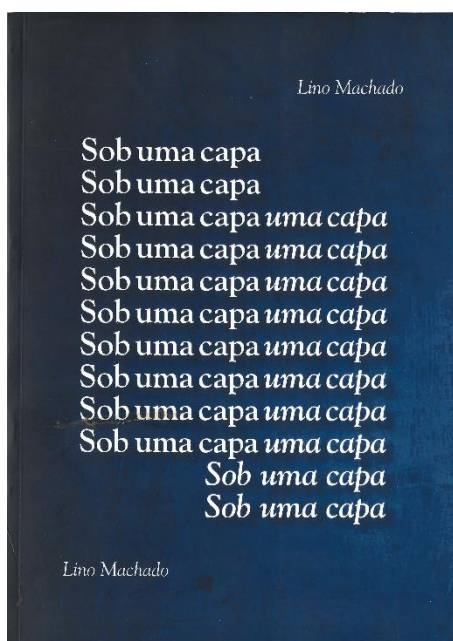
Esta seleção de poemas se extraiu de duas obras — por ora, as mais vultosas — entre as publicações do poeta Lino Machado: *Sob uma capa* (2010) e *Entre dois vetores* (2014). Esses dois livros impressos, vencedores de Editais da Secult-ES, são posteriores a estes textos que o próprio autor listou (2014: orelha de livro) sobre sua dispersa, para nós, produção poética: “Meus & de mais” (2002); “Quatro cadências” (2005); “(Pseudo)glosas ao cancionero medieval” (2009); “Seis epígrafes & algumas gafes” (2010). Entre “capa” e “vetores” (2010–2014). Contamos aqui com 92 poemas para o primeiro livro citado, numa diferença de quatro anos, aproximadamente mais 144 deles para o livro seguinte. Isso, para quem conhece

---

\* Doutor em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

\* Doutor em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

a labuta, é mesmo para doutores<sup>1</sup> na matéria uma marca invejável e, como veremos adiante, ele não parou pelos subsequentes anos, dando ainda mais vazão ao seu pluriversátil multiverso literário.

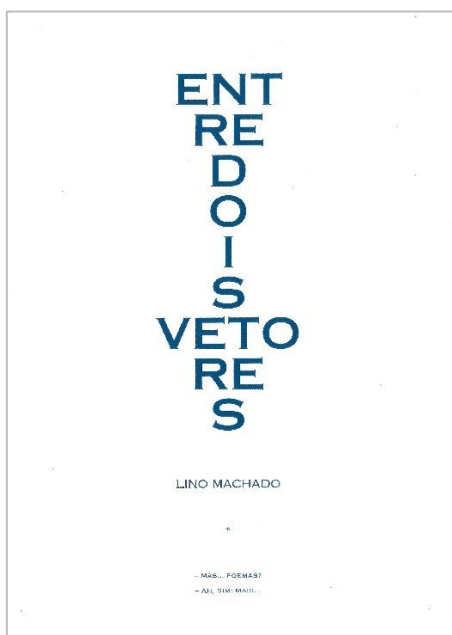


Capa de *Sob uma capa*, 2010, de Lino Machado.



Lino Machado, em 2006 (Foto de Paulo R. Sodré).

<sup>1</sup> Lino Machado é professor titular aposentado do Departamento de Línguas e Letras da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).



Capa de *Entre dois vetores*, 2014, de Lino Machado.



Lino Machado, em 2021 (Foto sem crédito/Rede social).

Como essa tamanha e meticulosa produção cobraria destes antologistas grandes responsabilidades, procuramos equalizar as principais demandas do poeta com

as nossas, a fim de que um possível sequestro de sua criatividade não se consumasse completo por um todo. Engendrado o *nostra culpa*, optamos por um filtro que privilegiasse certo diálogo com diversos retrocessos que se vêm sobressaindo em nossos dias, como o expresso por um excerto do emblemático “CULTURA”, à guisa aqui de abre-alas: “Quis fazer uma Antologia dos Grandes Massacres Humanos, / mas eram tantos e maiores que logo aumentei meus planos” (MACHADO, 2014, p. 154-155). Saiba-se que cada verso preterido nos acometia de um corte na própria carne, embora ele nos remeta a uma infinidade de esqueletos mais de fora que de dentro do armário.

No primeiro livro, nota-se um projeto de fino acabamento, em tom provocador desde o primeiro poema, “Sob uma Capa”, com já uma oportuna questão: “Autor e leitor / são dois, não são? // Eles / não formam um / elo? // Não é um número ideal / para um dueto / ou um duelo?” (MACHADO, 2010, p. 12). Acreditamos ser esse o espírito mais adequado para lidar com a obra, pois indignação e cumplicidade se tornam permanentes, ora pelas agudezas ora sutilezas ali presentes e vice-verso. *Sob uma capa* se divide em sete sugestivos blocos: “Seis epígrafes (lapidares ou não)”; “Escárnios (a bem dizer)”; “Não só as plantas”; “Aeropoemas”; “Pungentes, pontiagudos”; “Trobares...”; e “Quatro finais”. De cada um desses, daremos uma prova que nos tenha provocado à maneira de uma pedra de toque ou TOC (Transtorno Obsessivo Compulsivo), porque difícil é sair da sua lida ileso.

De “Seis epígrafes...”, grifamos o poema “Cores que Afloram à Pele”: “Ao te ver assim / *dark*, / ó *darling* / tão diversa / do que trago em mim / [...] // Uma coisa só / minha fé de ateu / deveras me diz: / um de nós / deverá por fim / nesta sede / não sei se saudável, / se perversa” (MACHADO, 2010, p. 21-22). De “Escárnios...”, salientamos “Sobre a (Minha) Ironia”: “[...] Missas brancas / não são mais a regra / do que rezas brabas / nesta velha / veripócrita / zona franca / de bençãos e pragas” (p. 70-71). De “Não Só as Plantas” (talvez o bloco mais incisivo), destacamos “Zoopolítica”: “[...] o homem / não deixando de ser / o lobo

civil / que quer ter o homem / no seu abdômen” (p. 94-95). De “Aeropoemas”, selecionamos “Provável”: “A bordo / e à beira-tédio / [...] // [...] / passo / ao estágio aceso / do assédio / e logo improviso / sorrisos alados. // Abordo / a bela nervosa / recorrente / em levar unhas roídas / aos seus dentes / ao meu lado. // Ela não dirá Sim / nesse estado?” (p. 119). De “Pungentes, Pontiagudos”, extraímos “Poetastro”: “Bêbado / de não ver os postes / num luar / de círculo vasto // enquanto declamo aos céus / e também / reclamo aos ratos [...]” (p. 130). De “Trobares...”, pescamos “Ao Ministério da Saúde”: “Das cinzas do cigarro / infelizmente / — meu caro — / nenhuma fênix / só o pigarro // [...]” (p. 144). De “Quatro finais”, elegemos “Vox não Mais tão Populi”: “[...] Com um porém: / serei oblíquo / ou inexato / embora aqui / e ali / coloquial / quase prosaico [...]” (p. 165-174). Convenhamos, convivas, o poeta apresenta uma dicção muito variada para recepções diversas ou como já cabalisticamente prevenimos numa outra oportunidade:

As poesias de Lino Machado, intituladas *Sob uma capa*, editadas em 2010, trazem 7 séries de poemas. E isso pode ser significativo, para quem, como nós, conhece o poeta. Os saberes de extração esotérica conferem ao número 7 atributos associados ao espiritual, intelectual, idealista, estudioso, científico, inteligente e criativo. Mas advertem também que pessoas equivalentes a esse número podem parecer reservadas, sarcásticas, inflexíveis, caladas, irritadiças, frias e calculistas, contudo isso geralmente disfarça o fato de serem muito exigentes consigo mesmas e com o próximo (SILVA; FREIRE, 2018, p. 457).

Acredita-se que tal exigência, literariamente, possa vir a ser muito proveitosa, fazendo com que acerca do *Entre dois vetores* (2014) muito mais possa ser dito (se o caso não fosse o de sermos aqui sucintos), porque a quantidade de poemas é acrescida de quase 1/3 em relação ao livro anterior. Talvez seja até por isso que de cara o poeta saliente chistosamente: “— MAS... POEMAS? / — AH, SIM: MAIS...” (MACHADO, 2014, capa); enquanto seu *dial* continua sintonizado com as nossas mais ridículas graças e as nem tão passíveis de riso assim. Tudo em tom cada vez mais peculiar, já que, como o próprio afirma em “LÍRICO OU

MÉLICO<sup>2</sup>?", se: "[...] Mudo / sou apenas mais / um / último ego // demonstrativo / de monstros bem íntimos nossos / de fato cômicos / com ou sem / seu acompanhamento de risos. // [...]" (p. 69-70). Aliás, nosso poeta já teve seus artifícios rítmicos e alegóricos vistos como de vasta tendência mallarmaica (PAIXÃO, 2019, p. 217).

Além do já apontado, há uma vertente autocrítica a permear ambos os livros, tendo nossas angústias passadas a limbo como aqui nessa oportuna sequência do já citado "CULTURA": "[...] Como falta de espaço vital, é melhor pensar num museu. Nele caberia o que o mundo já fez de pior e esqueceu? [...] Não é meu, é nosso o museu. É todo o planeta orbitando na indiferença do universo — simplesmente até quando [...]" (MACHADO, 2014, p. 154-155), com lamentos oriundos de diferentes épocas e hemisférios, "GOZOS": "[...] Segue / canção já cansativa / em deslourvor dos Leopoldos / mais que literalmente reais / (sem deixar de mencionar / os seus menores / de várias bandeiras, mentiras, cores) / coabitando em todos nós / nas amplas / latilongitudes do planeta [...]" (p. 85-87). Algo à maneira de preliminares para os reconhecidos paroxismos do século XX, "TRAUMAS EM TEMPO DE PAZ": "[...] precursores / do que nas guerras / tanta gente faz [...]" (p. 261-262).

Por sinal, essa recorrente abordagem acaba mesmo por nos devolver ao *Sob uma capa*, especificamente ao seu talvez mais cogitado poema: "*Der Tod Ist Ein Meister Aus Deutschland*" (MACHADO, 2010, p. 64-66), cuja tradução seria "a morte é um mestre que veio da Alemanha", referente a um famoso verso do poeta romeno Paul Celan, após ter este sobrevivido às sevícias de um campo de concentração nazista. Todavia, aqui já com alguma ressalva da crítica:

<sup>2</sup> "[...] penso ser adequada a [...] opção terminológico-semântica em geral menos adotada: mélica, em substituição à 'lírica' no sentido antigo": A título de ilustração trazemos aqui essa epígrafe posta pelo próprio poeta na respectiva obra, para diferenciar a afetada sensibilidade esperada do lirismo convencional frente à sua abrangente jocosidade canora, presente inevitavelmente em todos de seus poemas.

No texto do brasileiro, por outro lado, o possível diálogo com a *Shoah*, sugerido pela utilização de um trecho de Celan como título, não se efetiva. A morte de que trata o [nosso] autor é, sem dúvidas, apresentada como um mestre, mas não há nada que justifique sua procedência alemã. Sua maestria está não em uma postura autoritária, mas nas muitas maneiras e, portanto, na habilidade, de lidar com a humanidade e conduzi-la ao fim: essa morte é capaz de tantas artes, numerosas manhas, atua de modos diversos, se disfarça, não se disfarça, possui várias nuances, é grande intérprete. Apresenta-se de incontáveis maneiras, mas é, enfim, inevitável. Não estamos, aqui, diante de um retrato da barbárie. Há, sim, sedimentos da injustiça histórica em meio aos versos, como em “Nos trópicos,/por exemplo, tem rosto sombrio,/trágico [...]”, contudo, logo em seguida, vemos que esse rosto pode ser “[...] colorido também,/berrante,/até festivo [...]” (POSTAY, 2019, p. 287).

Ressalva que depõe a favor da atualidade do poeta frente à problemática questão ainda em voga, vide o sadomasoquismo tão vigente em nossa sociedade, vide a “morte” se tratar no referido poema de “um ator magnífico”: “[...] Superior ao ponto / de não recusar / o Oscar deste ano [...]”, com a convivência de esclarecidos cinéfilos de plantão. Apesar do breve apontamento, nosso intuito é suscitar no leitor a vontade de um passeio pelos intercambiáveis sentidos retóricos e sentimentos de mundo presentes nos poemas aqui assinalados por Lino Machado. Para mais deleite, indicamos ainda a leitura do material postado por ele entre 2011 a 2017, salvo engano, no *site* Estação Capixaba (MACHADO, 2010) e outra dispensado em seu *Facebook*, onde podem ser encontradas mais poesias (suas e alheias), instantâneos, dicas, comentários e resenhas a respeito do trato. No que aqui chamamos de “instantâneos”, a exemplo do “Na vida e na História, sempre temos tempo para ‘cair do cavalo’” (MACHADO, 2025), são uma espécie de aforismos feitos quase que diariamente acerca das nossas contumazes mazelas, tanto factuais como simbólicas. Esses, ao que nos parecem, escamoteiam motes afeitos a mais e maiores de suas verbivocais transgressões: o que possivelmente já deve estar a caminho também no modo livro-de-mais-e-melhores-poemas.



## Referências:

FREIRE, Pedro Antônio; SILVA, Paulo Muniz da. Lino Machado em clave política. In: TRAGINO Arnon et al. (Org.). *Bravos companheiros e fantasmas 7: estudos críticos sobre o autor capixaba*. Campinas: Pontes, 2018. p. 457-463.

MACHADO, Lino. *Entre dois vetores*. Vitória: Secult, 2014.

MACHADO, Lino. Repertório literário. NEVES, Maria Clara Medeiros dos Santos (Coord.). *Estação capixaba*. Blog Patrimônio Cultural Capixaba. Vila Velha, 2010. Disponível em: [https://estacaocapixaba.com.br/lino-machado-repertorio-literario\\_1/](https://estacaocapixaba.com.br/lino-machado-repertorio-literario_1/). Acesso em: 12 jan. 2025.

MACHADO, Lino. Na vida e na História, sempre temos tempo para “cair do cavalo”. *Facebook*. Disponível em: <https://www.facebook.com/lino.machado.7311?mibextid=wwXIfr&mibextid=wwXIfr>. 2025. Acesso em: 5 mar. 2025.

MACHADO, Lino. *Sob uma capa*. Vitória: Secult, 2010.

PAIXÃO, Grace Alves da. Presença francesa no campo literário do Espírito Santo. Um primeiro olhar sobre o tema. In: SODRÉ, Paulo Roberto et al. (Org.). *Brav@s companheir@s e fantasmas 8: estudos críticos sobre o(a) autor(a) capixaba*. Campos dos Goytacazes: Brasil Multicultural, 2018. p. 207-220.

POSTAY, L. Leite negro da madrugada: a lírica e a barbárie — considerações a partir de Lino Machado e Gabriel Menotti. In: TRAGINO, Arnon et al. (Org.). *Bravos companheiros e fantasmas 7: estudos críticos sobre o autor capixaba*. Campinas: Pontes, 2018. p. 277-292.



## SELETA

### ***Sob uma capa*** (2010)

#### ***Sob uma capa***

*Mas o que se esconde  
sob uma capa?*

*Um sujeito seríssimo  
e com jeito  
de conde Drácula?*

*O próprio Stoker?*

*Um fazedor de arte?*

*Um grande  
mestre de obras?*

*Ou  
apenas um esperto  
treinador de lagartos  
e cobras?*

*Mas o autor é um chato:  
não responde.*

*E vejam isso:  
o seu maior desejo  
é ser um ás  
que guarda na manga  
uma espada –  
e nada mais.*

*Com a espada  
muito bem guardada  
ele se põe de guarda  
e espera.*

*Autor e leitor  
são dois, não são?*

*Eles  
não formam um  
elo?*

*Não é o número ideal  
para um dueto  
ou um duelo? (p. 11-12)*

### **Cores que afloram à pele**

In the old age black was not counted fair,  
Or if it were it bore not beauty's name:  
But now is black beauty's successive heir

William Shakespeare<sup>42</sup>

Ao te ver assim  
*dark,*  
                    *ó darling*  
tão diversa  
do que trago em mim,  
fui à caça  
de sexo e cabeça  
de outra raça?

Ou bem vice-versa:  
fui a caça  
                                    e por fim  
vim cair na rede  
da tua conversa?

Uma coisa só  
a minha fé de ateu  
deveras me diz:

um de nós  
deverá pôr fim  
nesta sede  
não sei se saudável,

<sup>42</sup> "A cor negra era ontem sem valia / Ou da Beleza não levava o nome; / Mas agora é do Belo herdeira e cria" (Trad. de Jorge Wanderley) (Daqui em diante, todas as notas serão do poeta).

se perversa. (p. 19-20)

### **Fausto *forever***

Despertem, demônios.  
Isso,  
mais perto: quero vê-los,  
nada de velas, só  
à luz do dia.

E venham  
de todos os vermelhos  
e tamanhos.

Venham  
não dos vinhos  
que há nos sonhos

nem das outras  
formas de vinho  
com que sonho.

Mas da própria  
e bêbada vida  
é que venham. Isso,  
venham vindo  
e daqui, nunca, nunca mais  
tenham ida.

E me tenham. (p. 27)

### **Bhras, Bersil, Brazille, etc.**

Gentes  
mais dilatadas que diletantes,  
perto de portos, distantes,  
porém com suas mentes  
lançadas  
para além de qualquer cais;  
gentes  
desde bem antes de antes  
de anteontem  
postas a especular

a respeito de recifes, costas  
e corais  
que existissem no verde  
ou azul  
das águas  
do mais tenebroso  
mar.

Séculos de gentes  
tão papagueantes:

“Em algum abril  
encontrem uma ilha  
milhas adentro do poente  
que nenhum de nós  
já viu, cheirou, tocou,  
remoeu, ouviu,  
uma terra nova no oeste  
distante  
digna de arder  
entre bês, esses, zês e mais  
tretas mil  
para vir a ser a proprietária natural  
do nosso antigo nome  
Brasil”.

Mais ou menos desse jeito  
lancinante  
não exatamente gentil  
predito e feito:

um país em certo sul

(sabe-se lá  
se antes de nascer  
já meio crismado  
em sânscrito)

de muitos pais e mães  
se pariu

– atlântico. (p. 31-32)

## Bestiário

Homens-pomba  
podem  
ganhar um Nobel  
porém  
eles nem sempre  
conseguem impor  
alguma paz.  
Homens-pomba:  
quase nunca  
implodem  
injunções e suspeitos  
edifícios  
inter  
nacionais.  
Homens-pomba,  
ao menos  
não se percam  
nos percalços  
entre cães, falcões  
e bichos mais. (p. 40)

## Ralas relações

Poderoso Caballero  
Es Don Dinero.

Francisco de Quevedo

Eu e o Senhor \$  
é lamentável  
– demais Senhores –  
mas não nos apertamos  
afetuosamente  
as mãos.

Da sua filha  
mais estimada  
por ex.  
eu sei apenas  
o sobrenome  
e alguns rumores:

a bela Cifra  
das altas rodas  
– talvez casada  
com o imponente  
Senhor Torres.

É quanto eu capto  
distante  
ou bem desperto  
neste meu canto

(enquanto faço  
uma série de partos  
que quase sempre  
começam  
bem antes de ontem):

boatos  
quem sabe  
se totalmente sérios  
ou com um zero tolo  
em matéria de fatos

que ressoam porém  
no mínimo  
desde os dias sumérios. (p. 47-48)

### **Semântica política**

Alguém depõe, ou antes,  
alguns  
que se acham os Novos  
Eleitos  
com efeito  
depõem  
um Presidente.

Logo depois,  
muitos  
são presos de fato  
ou  
se têm mais sorte  
são apenas chamados  
a depor.

Também haverá  
o tempo certo  
para outros  
(nunca poucos?)  
sofrerem uma deplorável  
deportação.

Vários usos  
(diversos deles  
bastante  
indi-  
gestos)  
para a maleável  
raiz de pôr.

Alguém  
algum dia depõe  
(finalmente!), ou antes,  
é obrigado  
a explicar direito  
uma boa cifra de porquês  
dos seus complôs. (p. 54-55)

### **Forças de paz**

Mas o que faz

(ou o que fez  
alguma vez)

uma força de paz  
contra  
todos que ousam  
ser os mais-que-abusados  
pais da força?

(Aliás,  
das forças também.)

Sempre se trata  
dos atos  
duma farsa  
muito pouco eficaz?



Ou  
por outro  
porém:

uma vaga marca (“forças de paz”)  
que – além de rota –  
é quase sempre  
refém?

Não sei se prossigo –  
perguntando demais. (p. 56)

### ***Mutuu***

Alguém alvejado  
mortalmente.

E um atirador  
que dizem de elite  
no telhado.

Ou melhor:  
alguém mais  
que também  
tem coisas humanas  
pulsando na mente.

Neste caso:  
“Morto mais um outro  
dos imundos  
do outro lado”.

Um ser alvejante –  
e por sua vez  
alvo, certamente.

“Mais um dos imundos”,  
segundo os postados  
com seus próprios pentes  
furibundos  
no outro lado. (p. 57)

**I. M. Paul Celan**

O que se quer  
imperativo  
em nossa era

ama também  
ter o poder  
de liquidar

conjuntamente  
passivo-e-ativo  
vale dizer

fazer render  
ao máximo  
o que incinera. (p. 63)

***Der Tod Ist Ein Meister Aus Deutschland***

A morte é um mestre na Alemanha

Paul Celan

A morte é um mestre em toda a parte?  
A morte  
é capaz de tantas artes,  
dançando conforme a letra  
de cada mote?  
Tão numerosas assim  
as suas manhas  
aprendidas  
em leste, oeste,  
sul  
e bandas do norte?

Com certeza: um triplo  
ou quádruplo  
sim...

Um mestre que atua  
para a minha admiração

e a tua  
de modos diversos.  
Nos trópicos,  
por exemplo, tem rosto sombrio,  
trágico,  
mas colorido também,  
berrante,  
até festivo, nem um pouco restrito  
a um só estilo –  
grosseiro  
quando for preciso,  
tanto quanto  
galante  
disparando  
alguns sorrisos.

A morte é um mestre,  
sem dúvida –

e entre mais coisas  
um mestre  
de mil disfarces

– ou disfarce algum  
o grande mestre utiliza:

um ator magnífico  
apto a operar  
com ene nuances  
a partir  
de uma única face,  
tipo  
transformado em tipos,  
perito  
em efetuar entrelaces.

Superior ao ponto  
de não recusar  
o Oscar deste ano,  
do próximo  
ou de qualquer outro,  
sob vaías  
afinal não letais  
de críticos severos,  
hiper-adornianos.

A morte,

grande intérprete  
na neve  
de palcos distantes,  
no chão duro  
deste meu agreste  
e no mais  
do mais do mais que enfim  
ainda nos reste(m).

A morte, em síntese: um mestre. (p. 64-66)

### **Sobre a (minha) ironia**

O, o, o, o, o, o

Gautier de Coincy

Tenho os pés na lama  
– meu caro –  
até  
o  
pesc  
o  
ç  
o.

Neste drama  
meus olhos atuam  
com mãos  
que me valem tanto  
pelo que vos falo  
como  
pelo que – anti-ouriço –  
aqui e ali  
ouço  
em almoço fino  
ou  
muitíssimas vezes  
em devorar grosso.

**2**

Missas brancas

não são mais a regra  
do que rezas brabas  
nesta velha  
veripócrita  
zona franca  
de bênçãos e pragas. (p. 70-71)

### **Não só as plantas mas todo o planeta**

Farrapos de verde  
cercados pelo pano sujo  
da cidade.

Cimento e clorofila.

O verde em farrapos  
e às vezes  
a roupa de muita gente  
literal  
mente em farrapos.

Caem as folhas verdes  
das árvores,  
caem  
as próprias árvores cortadas,  
cai rápido  
a cotação da vida

e sujeitos de ternos bem feitos,  
etc.  
(principalmente  
este etc.)  
continuam sendo os Eleitos  
sempre sorridentes  
e responsáveis.

Com certeza, OS responsáveis.  
As baleias & cia.  
o que é que têm a ver  
com a água podre  
das baías?  
E o pobre ar das aves?

A cotação do verde  
cai ligeiro

sim  
mas com ela um dia o mercado inteiro  
vira cinzas. (p. 82-83)

## Rodovia

Cotovia<sup>43</sup>  
– curiosa, coitada –  
quis saltar  
do seu bom descampado  
para o chão negro-liso  
ora direto,  
ora não retilíneo  
que cortava em dois  
o seu bom descampado.

Som  
de carros velozes  
ou de veículos mais lentos  
alternado  
com silêncio  
completo  
antes e depois  
da péssima hora  
daquele anti-dia.

Massa  
vermelho-escura  
com amarelos descorados  
esmagada por acidente:  
frangalhos ainda visíveis  
sobre  
o negro polido do asfalto  
aqui retilíneo,  
ali mais ondulado  
do que uma cobra quilométrica.

Na lembrança  
(a minha, agora a tua)  
repercute  
somente  
como consolo

<sup>43</sup> Calhandra, sabiá-do-campo, caminheira...

ou  
por convenção  
dos nossos neurônios  
alguma melodia. (p. 84-85)

### **Lógica fria e ecologia**

"Que bela vista", exclama triste  
o pessimista,  
"enquanto  
algum pirata  
dono de imobiliária  
não a conquista!"

Ele já presente,  
o pessimista,  
o futuro  
*JARDIM BELA VISTA?*

*LUXO, REQUINTE, PRIVACIDADE  
NUM DOS MELHORES PONTOS*  
e outros atrativos  
ofereci-  
dos  
por Desigualdade Ltda.  
aos seus amigos  
a(r)mados. (p. 89)

### **Zoopolítica**

Em várias partes do mundo  
conseguem  
fazer dos países  
grandes  
médios  
pequenos  
circos

e neles  
nunca nos vêem  
no papel de palhaços



porém  
como uns belos micos –

o que afinal  
não garante de fato  
um futuro  
dos mais fascinantes  
para os autênticos  
mas já não  
numerosos macacos.

Noves fora  
eis aqui  
um bem arcaico  
abecê,  
isto é,  
o homem  
não deixando de ser  
o lobo civil  
que quer ter o homem  
no seu abdômen.

O lobo selvagem  
portanto  
que abra o olho  
na neve  
ou no seu covil  
pondo também  
as próprias patas  
de molho

enquanto  
não longe do seu bafo  
certa história  
trágico-patética  
se escreve  
onde quase nem os ursos  
podem dar  
grandes abraços. (p. 94-95)

### ***Dementia praecox***

“Como quem  
(tolamente?)  
se atolou aqui

paro  
e declaro que eu também  
desisti.

Frente a tanto  
lixo tóxico  
já não tenho planos  
para os próximos  
cem mil anos.

A não ser  
o de ser  
bem  
mais humano  
quer dizer  
sem ter ódios  
específicos  
causar danos  
ao mundo  
aos outros  
e a mim." (p. 102)

### **Provável**

A bordo  
e à beira-tédio  
rumo  
à aerodemora das horas  
rota  
Roma-...-Vitória  
em travessia-avião.

Bardo barbudo  
(condenado  
talvez com acerto  
desde os dias de Platão)  
passo  
ao estágio aceso  
do assédio  
e logo improviso  
sorrisos alados.

Abordo  
a bela nervosa  
recorrente

em levar unhas roídas  
aos seus dentes  
ao meu lado.

Ela não dirá Sim  
nesse estado? (p. 119)

### Saudação

Um viva  
muito ascendente  
ao amplo universo  
oriundo  
da aviação:

um mundo criado  
acima  
da extensão evidente  
a quase todos os sentidos  
do próprio mundo.

Um outro viva  
ao que sem dúvida  
também merece  
ter o seu brinde  
com toque de elite:

o espaço  
menos perceptível  
dos satélites.

Isto,  
apesar das ameaças  
permanentes  
que ambos os domínios  
deixam no ar.

Um viva ou dois:

depois  
tentar subscrever  
sem muitos remorsos  
o que restar. (p. 125-126)

## Poetastro

Bêbado  
de não ver os postes  
num luar  
de círculo vasto

enquanto  
declamo aos céus  
e também  
reclamo aos ratos

penso  
nos dois sóis tão belos dos teus seios  
e aceito  
como algo perfeito  
(não  
um andar de rastos)

ser o teu  
único  
herético  
ereto

poetrasto. (p. 130)

## Urbanismo

Las piquetas de los gallos

Federico Garcia Lorca

Amaria ouvir  
o som  
das picaretas dos galos  
batendo contra  
o cimento calado  
(prédios paredes apartamentos)  
destas auroras.

Mais ainda  
amaria ouvir  
qualquer coisa soando  
como anti-lamento

em algumas das nossas  
ou só das minhas  
piores horas.

Amaria rir – e rio enfim  
lascando a machado  
barulhento  
metade e mais metade  
do teu mundo  
grave de agora. (p. 134)

### **Particularismos**

Há quem inveje  
o ouro gelado  
(e ainda leve)  
desta cerveja?

Pois sim: que seja.

Mas que também  
uma entidade  
de ferro ou bronze  
proteja  
minha pessoa  
desde a presente  
hora tardia  
ao próximo  
raiar da aurora  
em ruas  
quase vazias.

Tarefa boa  
a de mirar  
ao menos hoje  
ébrio e humilde  
a prataria  
deste lugar. (p. 140)

### **Ao Ministério da Saúde**

Das cinzas do cigarro  
infelizmente

– meu caro –  
nenhuma fênix:

só o pigarro.

## 2

Das cinzas de que morro  
por que –  
amigo antigo –  
não me separo?

## 3

Das cinzas, sim,  
o que minhas tripas  
dizem aqui  
infelizmente  
amanhã  
ficará mais claro. (p. 144)

## Brinde

Toda a nossa respeitosa  
saudação  
às hienas –  
que elas são  
previsivelmente  
hienas, apenas.

Nunca negam  
aos demais  
os seus dentes  
enterrando  
se comem dos corpos  
que estão putrescentes –  
ou já indo. (p. 150)

## ***Vox não mais tão populi***

“Cabo e Barco bradaram

os seus próprios  
recados  
com mil e um  
ousados fados  
prosopobárdicos  
em mares fortes, fartíssimos,  
que eram os seus.<sup>44</sup>

O próprio Sol  
numa tarde  
de maciço calor  
soviético  
diante de um vate  
agitado  
não se calou  
quando este mais ardeu.<sup>45</sup>

Então  
por estes céus de Deus  
tão poluídos  
por que *eu* (a quem  
os três mal citados  
nos seus dias  
de maior fogo  
recitaram  
com fulgor)  
*não* teria ao menos  
uns minutos  
verdadeiramente meus  
em que de um palanque  
ou cadeira cativante  
falaria a todos  
josés que fossem  
ou marias bem doces?

---

Com um porém:

serei oblíquo  
ou inexato,  
embora, aqui

---

<sup>44</sup> Cabo: Adamastor, o Cabo das Tormentas, em *Os Lusíadas*, V, claro que de Camões. Barco: "Le bateau ivre", óbvio que de Rimbaud.

<sup>45</sup> Sol: "A extraordinária aventura vivida por Vladímir Maiakóvski no verão na *datcha*", do próprio.



e ali,  
coloquial,  
quase prosaico.

---

Também garanto:

farei sempre  
uma pausa ou duas  
enquanto  
saio de um canto  
para  
compenetrado  
entrar  
no canto mais próximo.

(Preparem as orelhas  
e os silêncios  
reverentes e ouvintes,  
meus caros,  
por conseguinte.)

---

Não!  
Negativo!

Há  
um novo trato  
a propor  
aos que desejarem  
o favor  
do meu Om  
narrativo:

acabei de alterar  
(tal como um velho muda  
um velho testamento  
e é um-Deus-nos-acuda)  
meus próprios pensamentos  
ativos, altivos,  
dos mais agudos  
ângulos  
aos que vão retos.

Será bem outro  
de fato  
o meu sermão:

não mais oblíquo,  
quero ser direto  
(se deveras  
de agora em diante  
não minto  
em favor deste  
ou daquele mito  
que veja como belo  
ou interessante).

---

Saiba  
este mundo insano  
de incluídos  
e exclusivos  
de modo a não  
ficarem buracos  
no queijo partilhado  
do sabido:

com os meus próprios pés  
inteligentes  
posso voltar atrás  
ou ir adiante;  
quanto  
às minhas várias mãos  
sempre laborais, estas  
com as suas pás  
conseguem cavar  
daqui de cima  
do monte em que estamos  
até à China  
de novos paxás  
(digamos).

---

Preciso tanto  
(ou nada, acreditem)  
de quem me digite  
como de alguém que não  
me tenha aos dedos  
feito brinquedo.

Sou o poema, a voz  
lenta ou veloz  
mas sempre audaz

que deve falar  
com cérebro e emoção  
de tudo o que for  
celebrável  
e muito mais.

Um exemplo  
em que cada  
um dos Doutos  
e das Senhoras Mestras  
de antes, de hoje  
e das próximas horas  
verá que a todos  
eu contemplo  
– não  
em meros mares  
de cantores de espumas  
nem debaixo, depois diante  
dos raios solares  
de algum soviétovski  
de verão,  
mas como gotas perdidas  
no orgasmo do cosmo:

---

## VÓS E O RESTANTE

*Um  
ponto denso, tenso,  
feito de  
fogo,  
formando  
seu quando e seu onde  
ainda  
em estado expansivo  
(ou  
– quem pode saber? –  
nada disso  
e o oposto tampouco  
em abecedê  
de  
finitivo).*

*Explosão branca  
do Big-Bang  
que não se estanca  
até a hora*

*de restar exangue:*

*o universo  
como primária Big Band  
a ressoar  
no próprio universo,  
orquestra  
e seu histérico maestro  
ao mesmo tempo –  
se tempo  
com todo o seu imenso  
colorido  
tingindo Antigos  
e Juvêncios  
pode ter aqui  
um verdadeiro registro  
não soçobrando  
no mais mudo si  
lêncio.*

*Do amarelado brando  
chegando  
ao amarelo de verdade,  
ao vermelho-laranja,  
ao colapso  
dos buracos negros,  
a, o...  
não deixando de avistar  
homéricos gregos  
nalgum momento  
da jornada  
(e assim  
sem qualquer pudor  
estou me fazendo  
desde antes do início  
do início  
um demiurgo  
pintor).*

*Neste ponto  
ou aparte cósmico  
em que colapsam  
as cápsulas de fogo,  
para vós  
(para sempre ou não?)  
o restante da gesta  
é muito mais taciturno*

*do que outras indigestas  
ausências de som  
foram já para os que tinham  
vez e voz na festa.*

*Ao fundo  
contudo  
sobram farrapos  
de ruídos,  
restos de restos  
de restos puídos.<sup>46</sup>*

---

Como disse  
distante do início,  
neste canto  
ou nas Chinas à vista,  
sou o Poema  
agora maiúsculo  
e – deveras oblíquo,  
ó meus não muito  
distintos  
presentes –  
nem um nada peço  
ao tal sujeito  
creio que insatisfeito  
através do qual  
sou eu que me digito.

---

Sim,  
o próprio Sol  
não se calou  
e mais Cabo e Barco  
todos são de fato marcos  
do que fui  
e apesar de todos os cercos  
ainda  
                    agora  
                            sou.

---



---

<sup>46</sup> Quem quiser que pesquise por sua conta Cosmologia e outros bichos.

(São minhas TODAS estas notas, o que não impede que um bípede tolo se veja como o seu redator.)

Vou..." (p. 165-174)

## **Pena capital**

*Totenkopf*

("Cabeça-da-morte": S.S.)

Cabeça  
cortada do corpo  
com  
cat  
ego  
ria – precisão  
que está para além do bem  
e do mal:  
mas nada boa segundo alguém  
nesse dia  
muito especial  
em que alguns aplaudem  
ótimas  
pontarias.

Cabeça portanto  
sem corpo –  
bem de acordo  
com o propósito alheio  
de que  
(entre mais coisas)  
ela não veja as cores  
das coisas  
nem discorde  
de verdades cabais  
como a de que o azul  
antes foi rosa.

Cabeça feita  
pequeno corpo: corpo  
da cabeça  
sem o resto  
do corpo  
(algo bem funesto  
para a medula espinhal  
nessa data

que – apesar de espinhosa –  
é dita capital).

Corpo menor: corpo estirado  
sem cabeça  
no pó.

Ou maior, monstruoso: questão  
de ponto de vista  
(José  
rebatendo bastante  
irritado  
idéias divergentes  
de João  
e vice-versa: duas cabeças, duas  
sentenças  
numa só travessa).

Cabeça também  
sem cabeça,  
caro  
camarada: muda, surda, cega  
logo que for  
decepada.

Aliás, cabeça que se deve dizer  
bastante  
diversa: mudada.

Não mais  
maiúscula, versal: cabeça que passou  
ou foi passada  
pela pena  
capilar  
– corrijo – capital.

Cabeça então  
que ninguém mais  
com rigidez  
pode xingar  
de “dura”.

“Caiu podre  
no chão  
de tão  
madura”  
(humor grego,



claro que a respeito  
dos muitos danos  
que os helenos causaram  
aos seus troianos).

Cabeça condenada  
porque (nada mal!) pôs belas aspas  
na cabeça  
de um monarca  
em algum dia ou mês  
de certo ano –  
ou em vários  
(uma vez  
não é uma vez só  
não é só uma vez...)

Modernização:  
seja  
no vosso reino mirim  
ou na nossa  
vastíssima união  
providencial  
de províncias  
e estados  
não é mais preciso  
cortar cabeças  
já que hoje, amigos e amigas, somos bastante  
civilizados;  
uma bala,  
não mais,  
para cada casta,  
perdão: caso –  
e zás! basta,  
cessam os estragos.

## 2

Machado,  
espada, guilhotina, disparo  
ou tão-só “decepando  
com uma larga e certa faca”  
(Oswald) – tanto faz.

Conta apenas  
termos na cabeça  
os termos certos

para aniquilar  
as dos outros, criar rápido  
uma poucas  
ou várias vítimas  
para – Ivos, Jorges, Lívios  
ou mais carrascos  
sempre bem  
ou mal armados –  
termos paz.

(Acabe a lista  
em Zeferino  
e recomece-a,  
apesar do tédio,  
por exemplo  
em Ado.)

### 3

Anular cabeças:  
não há  
oh não não há  
modo melhor  
de fazer  
sumir de sob  
o sol-luar  
o pensar-sentir-mover  
de sujeitos que começam  
a perturbar.

### 4

Penúltimo  
viés:

corpo  
ao rés do chão  
sem cabeça  
(ou tanto faz  
se for  
ao invés).

Ora, por que não  
o pequeno  
mas sincero  
excesso

de pensar também  
em decepar  
seus dois pés?

(E que ninguém ouse  
a ingratidão  
que ao seu castrador  
dirige sempre  
o castrado  
gritando com raiva  
ter ele um zero  
no lugar  
que falam sagrado  
dum certo ser  
deste vale  
dito de lágrimas –  
vale dizer,  
o coração.)

## 5

Cabeças, enfim:  
bom assim  
tão constantemente  
à mão!

Seja para que se seguem  
às pressas  
ou – às avessas – que inspirem  
a produção  
de algum poema  
para um séquito  
de leitores seletos,  
que um dia ou século  
atestem  
com todas as aspas:

Ei-nos defronte  
de mais um genuíno  
poema-cabeça  
na praça. (p. 175-182)

## Mundo-cão

"Mundo-cão",  
por aqui  
e acolá  
hão-de achar  
boa gente  
que maldiga.  
Entretanto,  
minha amiga,  
por que não  
vem à mente  
por igual  
"mundo-cobra  
cascavel  
ou coral"?

*Simplesmente  
porque são  
baixo astral...  
E não sou  
sua amiga,  
meu senhor  
sabichão!*

Está bem,  
admito:  
um epíteto  
tem veneno;  
quanto ao outro,  
causa medo  
não pequeno.  
Mas que tal  
pôr em cena  
o "dragão"?

*Bem dramático...*

Ou quem sabe  
"mundo-rato"  
caiba exato  
no projeto  
específico?

*Melhor não:  
muito imundo,  
abjeto.*

"Mundo-pulga"?

*Visão tosca:  
uma lástima  
lançar mão  
de coisinha  
tão minúscula.  
A despeito  
de mais grado,  
deixe fora  
de igual modo  
"mundo-mosca".  
(Por tabela  
não vai bem  
"mundo-grilo"  
e – é claro –  
"pernilongo",  
"joaninha",  
"marimbondo",  
etcéteras  
de insetos  
e insetas.)  
Todavia,  
siga em frente  
com a sua  
zoológica  
ladainha..*

"Mundo-abutre",  
ó amiga  
prestativa  
duma figa?

*Um pavor...  
Mesmo óbice  
que merece  
mais acima  
"mundo-rato".  
(Não repita  
imundícies –  
por favor.)*

"Mundo-águia"?

*Ah, ficou  
bem melhor*

*desta vez  
seu juízo,  
meu senhor  
tão astuto!  
Tem até  
um ar cult,  
com requinte  
algo nobre –  
muito embora  
uma gente  
mais esnobe  
vá lembrar  
das tonturas  
que haverá  
certamente  
nessa altura.*

Paciência.  
"Mundo-peixe"  
por exemplo?

*Nem comece.  
Ou já vem  
o senhor  
com algum  
previsível  
"tubarão"  
ou ainda  
(ai, meu pai!)  
o "monstrengo  
que – parece –  
há no tal  
Lago Ness"?  
Faz um tempo  
formidável  
somos seres  
só terrestres.  
Além disso,  
deixe logo  
nossos bichos  
irreais  
ou verídicos  
sossegados.  
E lhe tasco  
sem modéstia  
ou temor  
meu recado:*

*por que não  
simplesmente  
por um ano  
"mundo-humano"?  
Porventura  
viveríamos  
uma festa.  
Mesmo ao custo  
de ser mais  
do que urgente  
enxergar  
no fatal  
homo sapiens  
outra espécie  
de animal –  
talvez não  
tão demente  
nem tão trágico  
afinal...*

"Mundo-humano"?  
Mas assim  
– que diabo! –  
como uns tontos  
perseguido  
os seus rabos  
não voltamos  
ao incrível  
"mundo cão"?

*Não e não! –  
(novamente  
et cetera  
de tal modo  
que uma seta  
vá atrás  
de outra seta  
e nenhuma  
seja enfim  
alve... záz!) (p. 183-189)*

### **Para voz alta – e baixa atenção**

Leia para nós  
em voz alta

o poema que ontem  
eu não fiz  
sem temer  
que o seu tema  
mate  
a comunicação  
com o ouvinte  
que não saiba  
como usar  
corretamente  
ou com requinte  
o seu nariz.

Leia o poema  
sem temer  
que o seu tema  
mate  
na verdade  
o ouvinte  
aliás  
abata um  
dois  
dez  
dezenove  
mais de vinte  
num atentado  
tão bem feito  
que será dito  
feliz.

Leia o poema  
que sem tremer  
zomba  
tanto  
do homem de paz  
quanto  
do homem-bomba  
porque um  
como o outro  
é capaz  
de comer  
o seu próximo  
ou  
o seu distante  
sem requintes  
em nossa terra  
e em mais brasis.



Leia o poema  
sem oferecer  
um oásis  
de perfumes  
aos ouvintes  
e até  
aos falantes  
que não consigam  
resolver  
os problemas  
mais gritantes  
que chegam  
ao conhecimento  
de qualquer nariz.

Leia o poema  
e agradecido  
diga a todos:  
"Mui-to o-bri-ga-do  
porém  
por hoje basta  
de capim.  
Amanhã  
e depois  
continuamos  
este evento  
aqui  
ou  
noutro canto  
apropriado  
por exemplo  
o inferno  
exemplar  
que faz tempo  
vamos erguendo  
como um templo  
ainda  
que a isto  
os nossos bilhões  
de cascos  
chifres e rabos  
não estejam sendo  
obrigados."

(Sem mais rabiscos  
entre

o nascer do sol  
e o pôr-do-sol  
termine o poema  
lunático  
declarando  
em alto  
e bom Não  
que a festança  
é só esta  
não há mais ossos  
para o nosso repasto –  
caros irmãos). (p. 190-193)

***Entre dois vetores* (2014)**

**Sublunar**

Estrelas,  
tê-las também  
horizontalmente –  
terra a terra –  
tarefa que (meu peito  
bufa,  
berra, esbra  
veja) nunca é fácil,  
reles,  
rasteira:

como encaixar  
um valor mais alto  
aqui embaixo

ou – esforço indócil –  
equiparar  
em certos dias  
um Everest  
a uma cadeira?

Estrelas pensadas  
com os emotivos  
sinais positivos  
apenas  
sob um céu de estrada:

obviedade,  
convenção  
que pouco arde.

Estrelas, ao invés:  
como Keplers e Bilacs  
in  
sanos ou hoje  
radioastrônomos,  
conseguir  
ouvir seus sons,  
quer dizer,  
de vez em vez  
descê-las

ao subestimado  
(mas tão valioso) nível do chão,  
o nosso terráqueo  
convés.

No extremo  
dos  
extremos  
eis  
todavia  
um risco:

obter assim  
apenas  
extrelas –  
ou bem menos  
que alguns meros  
rabiscos. (p. 27-29)

### Situação

O  
desamor  
desarruma a imagem  
de gavetas  
de guarda-vestidos,  
armários  
ou qualquer outro móvel  
com objetos que mãos organizaram  
de modo harmônico,  
coisas ao lado de coisas  
agradando – mais do que aos olhos –  
ao calor da mente  
que ainda se anima com a figura central  
do coração.

Ou ele faz aparecer  
em quantidade incômoda  
nessas gavetas emotivas  
objetos cortantes,  
agressivos  
mesmo quando bem arrumados  
em mobília  
que em outros momentos  
nos alegra.

Situação em que da pele  
ao interior da carne  
o que é emoção é corpo,  
corpo, emoção –  
e essa reunião muito esquecida  
quando lembrada assim  
implora  
(durante algum tempo  
sem o menor barulho  
de coisas ruins ruindo de vez)  
pela sua própria  
implosão.

Com certeza  
ou setas  
que se demoram demais  
no seu trajeto  
o desamor quase nunca é  
o que em alguém se desfecha  
com rapidez. (p. 36-37)

### Correções

O a,  
feminino:

desatino  
de dar  
dó.

Bom seria,  
ou melhor, muito mais correto,  
se  
feminina  
fosse de fato  
a letra que chamam  
de o.

Já  
do i  
– sendo a coisa tão evidente –  
nada irei  
re  
ferir

a não ser  
é  
cl  
aro  
que o belo o me tente  
antes  
de

ele dar  
de  
repente  
o  
f  
ora  
d  
aqui. (p. 40-41)

### Entre as cores

Febril  
feito um forte  
amarelo  
afirmo: já vi vermelhos  
em meus delírios

conforme anotei  
com muita precisão  
em não sei qual página  
de ar  
dos meus cadernos.

Alguém  
então me dê  
colírio incolor  
para que eu suporte  
o fulgor-paraíso  
deste nosso  
estranho inferno.

Melhor ainda:

que eu mereça  
o elixir vital  
para continuar aqui

despivestido  
entre as cores  
que invejo tanto  
e as que  
como vocês  
eu nunca escolhi  
– garanto. (p. 50-51)

### **Aguerrido**

Um único  
(não dois nem três)  
aviso amigo  
de alguém  
meu conhecido  
aos sonsos daqui  
de lá  
e até  
de além  
sempre fingindo  
que são  
por sua vez  
não agressivos:

“Troiano ou grego  
agora  
ponho meus nervos  
em guerra  
de preferência  
relâmpago  
contra quem tente  
grego ou marciano  
perturbar meu sossego  
com golpes baixos  
ou sobressaltos típicos  
das nossas guerras  
egocêntricas  
de nervos.”

Decerto  
um único  
aviso besta  
às feras  
astutas  
que na segunda

já pensam  
contudo  
com suas garras  
como vencer mil mundos  
na sexta. (p. 60-61)

### **Lírico ou mélico?**

Mostro meus ossos  
digo  
meus dentes preciosos  
ao dentista  
em silêncio aflito  
com minha pessoa  
agarrando todos os possessivos possíveis  
para defender  
mais um setor da carne ou caverna  
que afinal  
pertence ao mundo.

Mudo  
sou apenas mais  
um  
último ego

demonstrativo  
de monstros bem íntimos nossos  
de fato cômicos

com ou sem  
o seu acompanhamento de risos.

Fora da consulta agora:  
enfim posso  
voltar a perder na rua  
meu rosto  
com dor no interior da boca.

Assim ele não é mais  
meu.

Bom  
que perdue no ar  
ou na língua  
por um bom tempo



esse gosto per  
turba  
doramente  
feliz. (p. 69-70)

### **Também "nosso tempo"**

As existências são poucas:  
Carteiro, ditador, soldado.

Carlos Drummond de Andrade

Ser presidente  
ou presidiário  
ou surpreender presidindo  
tempos após  
haver estado preso  
ou ser preso  
depois de exercer despreocupado  
a presidência  
ou outras combinatórias  
recolhidas  
das cartolas contemporâneas:  
tudo isto é muito,  
Carlos poeta pessimista!

Ou – mais humilde –  
a mim  
e a tantos outros  
tintos  
é que devo corrigir depressa?

Admito não saber  
que papéis de verdade  
existam para além  
de deveres bem vários  
nos quais correndo  
nós encaixamos desejos  
mas também medos múltiplos.

"Lugar ao sol":  
lugares  
de repente salgados  
seja com salários precários

ou exibindo  
obscenos bilhões  
além de infinitos  
números intermédios –

nenhuns deles  
hoje nos salvam  
da imagem  
duma selva cada vez menos se  
letiva. (p. 71-70)

### **Dual & cia.**

Um paraíso fiscal:

lugar onde  
toda a ideia do bem  
faz um bom  
número de anos  
se fez coisa  
anormal.

O inferno financeiro  
todavia:

região  
em que até  
no refrigerador  
do nascer  
ao sol-pôr  
a nossa grana ardia.

Paraíso financeiro,  
inferno fiscal  
(sem deletar  
algum bom purgatório  
como fato médio)

ou  
– em outros termos –  
banqueiros  
de todo o mundo  
tendo como lema:

“Em nossos acertos

& assentos  
a presença de muitos traseiros  
não seria  
coisa bastante *us*  
*ua'*. (p. 73-74)

### Gozos

Os “mestres da dor”  
(saúdem-nos  
ainda  
quando sem maiúsculas)  
frequentam florestas,  
asfaltos,  
também ferindo  
em qualquer solo diferente destes  
– e não só  
os muito másculos, os bem musculosos  
sob o sol.

Fazem sofrer  
(já foram  
enviados ao Congo,  
bons belgas)  
em qualquer parte,  
países  
ou pontos do corpo.

Nunca são,  
todavia,  
os outros somente, os puros insanos  
nem  
de uma nação única.

É viável, provem: podemos ser todos  
tais “anjos da morte”  
ou, ao invés  
desses “monstros totais”  
com açoites  
e outros itens que provoquem  
tremores de pânico,  
por que não  
um extremo aceitável,  
o de meros  
“mosquitos humanos”

picando  
psiques dos próximos?

Grau,  
graduação de asas,  
de gozos  
(doentes ou saudáveis)  
de cada um.  
Escalas.  
Muito mais do que apenas  
um único viés,  
um êxtase exclusivo.  
Sapiência de vasto  
(algumas vezes devastador)  
alcance  
– e que merece incansáveis  
realces:

apta  
a dar conta  
de incontáveis cortes decepcionantes  
entre os punhos  
e as suas mãos negras  
suando de trabalho absurdo  
nas selvas;

apta ainda  
a abarcar intrigas  
ferinas ou ferozes  
de que temos ciência  
no coração  
dos nossos aposentos  
ou com os pulmões respirando  
ao ar livre  
em Congos, Bêlgicas e no restante  
do alfabeto integral do mundo  
hoje sob as vistas  
da Internet.

### **Envio**

Segue,  
canção já cansativa  
em deslouro dos Leopoldos  
mais que literalmente reais  
(sem deixar de mencionar  
os seus menores

de várias bandeiras, mentiras, cores)  
coabitando em todos nós  
nas amplas  
latilongitudes do planeta.

Vai  
até findar um dia  
de vez  
toda essa rubríssima  
diarreia. (p. 85-87)

### **A Zemocracia**

meu suspiro impertinente,  
meu social transtornado.

António Gedeão

Pergunta  
que às vezes consegue  
atentar  
nossa alma  
a ponto de  
esta vir a querer  
calmarias  
que antecipem tempestades  
no ar:

*a Zemocracia  
é mesmo algo em que  
os tantos Zés, as quantas Marias  
deveriam  
com maior insistência  
atentar?*

Não sei dizer  
porque  
admito não saber mais  
precisar.

Ou talvez  
melhore o tom  
desta paródia que zomba  
dos piores dias  
ou até

– dando mãos à palmatória  
e à palinódia –  
busque outra modulação  
com um claro “Alto lá!”.  
Então:

*a Zemocracia  
veja você  
é a grande zebra  
(às vezes mais,  
outras menos) rubra  
que há –  
quer haja sol  
quer façam chuva.*

Se não chegamos ao zê  
nite  
e ainda estamos  
engarrafados no agá  
por que  
não andarilhamos todos  
ou ao menos  
os que não tenham  
muitos maus modos  
para mais perto  
de lá? (p. 92-93)

### **Impasse**

Sei que *Surtos* seria  
um ótimo título  
para uma série  
ou – com mais requinte –  
breve suíte  
de poemas.

Porém  
agora é verão  
e meus vizinhos  
familiares e amigos  
além de outros  
que não estou nomeando  
(poetas ou não)  
andam viajando.

Assim  
não vejo ninguém  
diante  
da alça de mira  
da minha lira.

Além do mais  
eu mesmo  
(não escondo)  
venho vivendo  
bem calmo  
nos últimos dias.

Pena:  
trago num bolso  
a boa ideia dos *Surtos*  
e no outro  
um vazio imenso  
para o meu assunto. (p. 102-103)

### ***Up-to-date***

Tudo se esgarça  
mesmo o universo.

O mesmo universo  
a nosso favor  
ou ventando adverso  
vira carcaça.

Tudo se esgarça  
com toda a certeza  
mas também  
com seus grãos de graça  
e certa beleza –  
mesmo a carcaça.

Tudo se amassa:  
amores,  
teus poemas  
e  
felizmente  
tristeza –  
mesmo as mais baças. (p. 122)

## Rimas f(r)acas

se quiser  
mande o pau  
(ou não)

Haroldo de Campos

Mais um  
homem forte  
visto  
como agente  
do progresso  
dum país  
para a gente  
hoje  
venerar.

Mais um outro  
narcisista  
dito artista  
que na mídia  
se explicita  
para a gente  
de novo  
meramente  
espelhar.

Mais um outro  
megaempresário  
que chega  
com maus empregos  
e microssalários  
a tiracolo  
para a gente  
agora  
tirando chapéus  
aguentar.

Mais um outro  
que chamam  
programa piloto  
ou lixo  
para a mente  
e o corpo



tendo até  
suas garotas  
seminuas (?)  
de programa  
ensaiado  
com cuidado  
para a gente  
num futuro  
quase presente  
se deixar  
teleguiar.

Mais um –  
mais  
uns e outros –  
mais  
ou menos doutos –  
um conjunto  
que faz tempo  
para tantos  
na verdade  
tanto  
(mal) faz –  
eis aí,  
genteimosos  
como este  
que vos escreve,  
o que hoje,  
hoje  
e hoje há.

## 2

Me diga  
um Zeus  
ou quiçá um sábio  
Ogum  
em que coisa enfim  
consiste  
ser um  
pós-Nietzsche  
em tão intragável  
zerum? (p. 126-129)

## Óbvia

Alguns líderes têm:  
telefonias,  
microfones sem fio,  
rádios, TVs,  
um certo harém,  
secretárias,  
bajuladores a postos  
e outras feras.

Então  
por que também  
se preocupam  
com o aumento-ereção  
dos seus arsenais de guerra? (p. 130)

## Lição de lobotomia

20 e poucos ossos  
(mas seria o mesmo  
em caso de mil)  
se protegem  
a nossa cabeça  
de traumatismos  
nada podem  
contra a desgraça  
de uma só canção  
(quanto mais  
se alguém lembrar  
não uma  
mas uma legião)  
imbecil.

Ossos firmes  
com suturas  
numa certa  
região –  
mas não peçam  
que uma dessas  
20  
e poucas peças  
seja páreo  
para os crimes  
auditivos

que saturam  
este mundo  
absurdo  
de cujas estacas  
barulhentas  
não escapam  
as trompas  
de eustáquio  
tantitontas  
de tão estupradas  
num Brasil  
ponta a ponta.

Porém  
a quem reclamar  
perdidanos  
contra os quais  
mês a mês  
são inúteis  
paredes mentais  
que só queiram o  
antibis?

Valia mais  
torcer muito  
que uma epidemia  
de amusia  
nos devastasse  
por uns 300  
e 60  
e mais dias.

20 e poucos ossos  
que um tal  
Padre-Nosso  
se existiu  
obviamente  
se eximiu  
de projetar<sup>1</sup>  
contra sons –  
muito menos  
como adversos  
à audição  
de tons boçais

---

<sup>1</sup> Darwin que me perdoe.

e duvido  
que de vis –  
e até mais.

... Ou não:  
talvez  
o bom fosse  
pôr a ira  
mais colérica  
na coleira  
ou mesmo  
de quarentena  
e propor  
a certa casta  
restrita  
de amigos  
abastecermos  
as caveiras  
com álcool  
ou outro éter  
do tipo  
até conseguir  
anestesiá-  
los  
ouvidos  
agraciados  
com sonoras  
agressões  
feitas sempre  
sem remorsos.

Esta não sendo  
a melhor  
das bandeiras –  
ou seja,  
a de piratas  
com rum –  
também não é  
senha ruim,  
meu senhor.

Agora, sim:  
eis o meu fim  
100% –  
ou um basta  
nestas praças  
de lamúrias  
mil, lamentos

sem (l)arga  
massa. (p. 132-135)

### **Metamorfoses**

Ironia  
o estuprador  
vir a ser estuprado  
por prisioneiros  
não acusados de estupro  
na cela  
e  
ironia  
elevada ao cubo  
prisioneiros  
não acusados de estupro  
se transformarem  
assim  
em estupradores  
justiceiros.

(Câmaras de eco  
e de horrores –  
porém  
qual dos dois tipos  
fotografar primeiro?) (p. 138)

### **(Con)versão**

“Eu sou também  
uma das vítimas”,

disse  
o bom carrasco  
para não se ver  
como o astro  
de muitas cenas  
sinistras.

“Eu não sou  
(tenho fé),  
alguém mais

é que é  
a fera  
legítima.”

E (ch)orou, ora, pensando  
na sua lista. (p. 148)

### **Paradoxo**

Sem palavras  
não teríamos  
os atos

que levassem  
de Auschwitz  
aos Bálcãs

ou às ruelas  
de Ruanda  
e suas facções

resolvidas  
com as grandes facas.  
Parte disso

(paradoxo)  
sem mais conversa  
que a das botas

e até  
dos pés des  
calços!

(Cacos  
de vidro. Cascos.  
Gritos...) (p. 149)

### **O ator, a cicatriz**

“Aqui  
à beira do cais  
onde faz pouco explodiu  
o navio cargueiro

ninguém mais admite  
(só eu)  
que ainda cogita ganhar  
o Prêmio Dinamite  
da Paz.

Aqui  
à beira do cais  
ou seria perto da sala VIP  
do aeroporto?

Não importa.  
Num caso ou noutro  
nunca sumirá a cicatriz –  
mire bem:  
que trago a mais  
no meu bélico rosto.” (p. 150)

## Cultura

(em 15 versículos – quase todos saindo pela culatra)

Quis fazer uma Antologia dos Grandes Massacres Humanos,  
mas eram tantos os maiores que logo aumentei os meus planos.  
Imaginei nem mais nem menos que os tomos duma enciclopédia,  
pomposamente atijolados para conter toda a tragédia,  
mas o projeto foi crescendo em pretensão e qualidade, e a  
Britânica das Matanças virou Biblioteca de Sade  
– ainda bastante incompleta, mas cada vez mais encorpada.  
Aparecem tantos volumes que não posso encadernar cada.  
Prateleiras hospitaleiras recebendo o material não dão conta  
de todo o sangue deste mundo tão hospital.  
Como falta espaço vital, é melhor pensar num museu. Nele  
caberia o que o mundo já fez de pior e esqueceu?  
Nele caberia o que o mundo hoje mesmo faz esquecendo?  
Não sei responder, mas sei bem o que vamos sempre fazendo.  
Eu também e você e quem aparecer no chão da Terra, nós que  
matamos os seus mares e até decapitamos serras.  
Não é meu, é nosso o museu. É todo o planeta orbitando na  
indiferença do universo – simplesmente penso até quando.  
Penso em certas ruas e casas, numa porta às vezes aberta.  
Também penso em certa garota, que era mesmo a garota certa.  
Os livros lidos e os não lidos na estante da minha cabeça,  
mostrando os títulos-lombada onde as aventuras começam.  
A música solta no espaço da sala e depois da memória. Um

sorriso, um rosto, uma foto, tudo o que tem alguma história.  
 Devagar e logo depressa sensações, palavras, idéias, idéias,  
 sensações, palavras zumbem minha mente-colméia  
 e trabalham bem produzindo o desânimo com seu fel, os  
 sabores do pessimismo, que mancham este papel  
 com uma pergunta final que rapidamente eu apago, riscando  
 também todo o resto das folhas que – juro – já rasgo. (p. 154-155)

### **Real(ce)**

Mesmo longe  
 hoje  
 acordamos  
 com nossos travesseiros à beira  
 de usinas atômicas  
 tal seu poder  
 seu perigo  
 para lá de letal.

Elas são nossas pirâmides  
 porém com novas  
 funções e formas  
 que mais assustam  
 que fascina.

Centenas de não triângulos  
 em horizontes  
 espalhados pelo mundo.

Já não parecem naves de pedra  
 erguidas na areia  
 para atravessar o tempo  
 levando mortos  
 como em veículos  
 que não se deslocam.

Agora  
 a morte precisa ser vista  
 como energia  
 ou morte bem viva  
 à espera  
 de um deslocamento do mundo  
 ou dos séculos.

Mesmo longe



faz tempo  
almoçamos e jantamos todos  
sem pensar muito  
na cabeceira  
destes abismos. (p. 158-159)

### **Tecendo a treva**

É possível fazer poesia depois de Fukushima, com adornos  
radioativos?

Raimundo Nonato

Após o horror  
dos terremotos televisados  
(2011)  
alguns afirmam  
ainda que sem muita pose  
nas mesmas televisões:

“AS NOSSAS UZINAS NUCLEARES  
CERÃO MAIS SEGHURAS.  
ESSA MATRIZ DE TEKNOLOGIA...”

Pausa –  
aliás,  
andropausa – menopausa – quase  
raivopausa!

Vale prosseguir?  
Enfrentando  
o demônio do desânimo  
que ataca homens e mulheres,  
sim.

Na boca  
de certos matracas  
essa matriz  
nunca poderá ser  
uma péssima  
madrasta  
nem num trilhão de vezes  
irá nos jogar para além das fronteiras  
do “Por-um-triz”.

Um desastre apenas não tece a noite:  
é preciso  
que um vazamento nuclear  
não seja aos poucos esvaziado  
com ares técnicos  
e que outro vazamento  
entrelace os seus dedos  
de plutônio e urânio (por que não dizer:  
de plurânio e urônio?),  
eu dizia:  
algum dia outro vazamento  
pegue nas suas mãos as daquele;  
que um novo  
se irradie com estes  
e que novíssimos irmãos  
se abracem etc.  
quem sabe até  
que numa certa manhã  
diante desse enorme toldo  
radiativo  
tecido pela comunhão de todos  
os vazamentos  
já não exista quem possa repetir:  
“azar”.

## 2

Após o terror televisado  
ao tratar  
das implicações do assunto  
em público  
neste e em mais brasis do mundo  
("Mas que implicantes!")  
alguns  
de verdade ainda fingem ter  
a mesma visão. (p. 160-162)

### Experiência

“Leões  
não são apenas cães  
com jubas”,  
matutou um tigre  
lambendo com tristeza

os seus botões –  
já não sabendo  
a melhor maneira  
de dar ciência  
aos seus filhotes  
do valor (ou “des-”)  
do que todos  
espertos e tolos  
chamam  
sem maior cuidado  
experiência.

“Eles porém  
não são piores  
que aqueles símios  
de poucos pelos  
que pelos tempos  
com os seus cães  
vêm soletrando  
as leis que querem  
nos nossos nichos  
aos borbotões  
sejamos bichos  
atordoados  
ou autoconfiantes  
leões.” (p. 172-173)

### **Moduladainha**

Meus bons  
maus poemas – vejam: –  
remam  
rios acima  
lágrimas  
(ou esgrimas)  
abaixo

enquanto eu mesmo  
em silêncio imodesto  
nomeio  
não mais ilhas  
ou outros acidentes  
do líquido da Terra

mas galáxias

deste vigésimo  
primeiro século  
não menos des  
amparado  
que uns simétricos quarenta e dois  
de antes

também eles com más  
obras primas  
– vejam! – rimando  
abismos  
abaixo  
sorrisos acima. (p. 174-175)

### **79 como símbolo**

O sol vem suando  
suas gotas  
ouro-ferventes,  
amarelo quase líquido  
sobre meus cabelos  
brancos.

Que me lembre  
ontem  
esse ouro, digo: vermelho-fogo  
não ardia muito.

Amanhã – tremo –  
ele irá fundir  
o metal ósseo que dá  
a forma bela ou de gente  
ao meu crânio?

Ao seu modo  
vejo como o sol  
(mudo)  
já me responde.

(Ao fundo  
ainda se ouvem aves.  
Mas certos monstros  
tanto quanto seres  
minúsculos  
e também formidáveis

nem as formigas  
conseguem mais saber  
por onde...) (p. 180-181)

### **Cabo de tudo**

(num demótico  
dos diabos, espero)

Aqui não tem erro.  
Aqui  
não vêm gralhas  
assombrar  
não sei que galhos  
ou hipotéticas  
calhas:

bocetas e ânus,  
bocas,  
grelos e caralhos  
são  
nossas maravilhas  
como são  
nossos próprios  
espantalhos –

por obra  
do que também não sei  
quantas vezes nos (a  
na)  
valha. (p. 184)

### ***Destruktiontrieb***

Abro a porta –  
e ei-la, logo na sala:  
a minha fúria.  
Vou à cozinha –  
e lá, em cima da pia:  
a minha fúria.  
Abro a geladeira –  
ela, no congelador:  
a minha fúria.

Chego à janela –  
ei-la, na paisagem à frente:  
a minha fúria.

Entro no quarto –  
volto à sala –  
reabro a porta – e sempre ali:  
a minha fúria.

Fúria  
por comodidade,  
porém.  
O mote mais certo  
seria  
agressividade – noventa e nove para qualquer  
ninhado.

Não faz mal,  
todavia:  
é a mesma bossa  
dia a dia.  
Minha fúria  
mais boçal  
afinal  
é tal a vossa,  
como dizem  
"sem tirar nem pôr":  
o que eu chamaria  
de adverso amor.

(Outro "afinal":  
minha fúria seria  
minha luxúria  
im  
pessoal?) (p. 187-188)

### Conclamar

Juntem  
as suas forças,  
farsas  
e fuças,  
fraternautas,  
e façam coro  
comigo

num viva urrado  
à vida,  
à mesma  
vezvida surrada  
em cada via,

ou seja,  
um brado brabo  
porém  
cheio de ressalvas  
e ressacas  
à supracitada  
com a mais honesta  
in  
certeza

pois  
diante desta  
bela cadela  
hoje não há outro  
afazer

senão  
vai assaudar  
até  
os mais deliciosos  
dos dissabores  
na sua multilinguagem  
cama-e-mesa. (p. 190-191)

### **Ditados sabidos**

“Líquido e certo”  
alguma Sulamita  
me vir dar de beber  
neste deserto?

Pouco adiante  
uma que avisto  
(e “dispo com os olhos”)  
quase me leva  
a crer no mito.

“Líquido e certo

somente o álcool”  
seja talvez  
a tradução dum dito.  
No entanto,  
peito pateta,  
ela tão perto...

Isto,  
atitude,  
quebre a métrica!  
Coração  
e mente adiante:  
logo o resto  
será beija-flor  
e/ou  
um caule que pica.

Assinaremos assim  
um novíssimo  
*Cântico dos quânticos*:  
“Líquido e certo” –  
e de olhos cativos  
segue-se o resto.

.....  
.....

Ah, Deus!  
Para onde se foi  
a Sulamita?  
Feito pateta  
(ou per-)  
ainda faço  
essa pergunta... (p. 196-197)

### **Ao seu toque**

Não raro (não ralas),  
lágrimas  
neste ou nesta  
Valegria  
& arredores  
rolam, pérolas  
de dor.  
Porém se dedos



terapêuticos porque delicados  
aparecerem  
pelas redondezas  
(tanto faz se parque ou periferia  
em guerra urbana)  
no segundo certo  
ao seu toque  
uma alquimia da alma  
terá efeito  
corpo afora:  
o ácido  
que percorria a face  
corroendo  
alguma psique  
será  
como coisa  
nunca sida, sequer pensada  
(sente um contato?)  
nisto  
que todos os de olho  
na validade  
do seu passaporte  
clamam vida. (p. 198-199)

### **O dia c (ou da catástrofe)**

Mais do que alguém que desperte  
recebendo a notícia  
de que ganhou o Nobel  
ou acorde com o tapa da novidade  
de como era réu  
num processo muito estranho  
em certo dia  
(manhã – tarde – noite)  
você se vê surpreendido  
pela imagem da explosão  
quando ele ou ela garante:  
não será mais o seu par  
no pacto angélico  
feito faz pouco ou mais tempo  
em nave de paraíso  
cruzando mares celestes.  
Evidente: outra vez  
ou bem pior do que antes  
forças gravitacionais do inferno

jogam para o solo  
corpo e (c)alma de quem  
vinha patinando feliz ou  
pateta  
acima do convés que já deslizava  
no ar.  
Alternativas nulas:  
nem as cartas  
traíçoeiras ou atraentes  
do tarô  
nem as equações precisas  
que no século XXVII  
um jovem matemático desenvolveu  
para as oscilações do matrimônio  
serviram para prever  
os enormes estragos  
causados por quem de repente  
agiu como homem  
ou mulher-bomba  
numa história que parecia prometer  
rotas de felicidade incomum,  
não estilhaços  
agredindo retinas distraídas.

“Bem feito”  
devemos supor que ninguém  
ousará dizer? (p. 201-202)

## Terra

Mercúrio, Vênus, Terra, Marte, Júpiter,  
Saturno, Urano, Netuno, Plutão e  
(talvez) X.

Para os menos cétricos  
em dez  
segundo a direção da ponta  
da seta  
(chegada ou saída)  
terceiro pode ser oitavo  
mas também é certo  
que oitavo seja  
terceiro.  
Ela  $\rightarrow$  ei-la  $\rightarrow$  vista daqui

ou admirada  
pelos também atrevidos de astros  
de lá.  
O vento do sol  
às vezes  
sopra com força  
lasciva  
a cauda magnética  
do seu vestido  
de noiva.

Sim, faz pouco tempo  
estamos indo, ensaiando  
sair,  
crianças que farejam  
outra festa.  
Mas quem vier deverá pousar  
como amado  
às cegas  
ou com blindagem  
em todos os seu lados?

Aqui – cétricos  
ou não cétricos  
a respeito de terceiro  
e oitavo –  
por enquanto ignoramos  
qual o ponto de vista  
certo,  
o mais próximo do centro  
do alvo. (p. 217-218)

### **Formação**

Extraterrestre com certeza  
teu ódio não é  
nem teu amor  
tem origem no campo  
das estrelas.

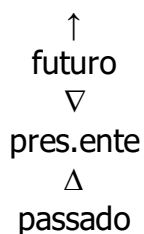
Ou essa origem  
ambos têm  
de verdade:  
hidrogênio e hélio  
ajudaram a formar

a constelação  
com pés no teu peito  
e pescoço  
sob a tua cabeça  
nem sempre confusa.

Não espanta que existam  
num mesmo planeta  
desenhos gigantes  
e linhas quilométricas  
nos terrenos de Nasca  
de propósitos  
para nós obscuros

tanto quanto a Nasa  
com os seus projetos  
(projéteis)  
ainda precisos. (p. 220)

### Cone de luz



Qualquer um  
vê:  
um vértice de triângulo  
equilibra  
outro vértice de triângulo,  
milagre  
no meio da figura  
em forma de X.  
Primeira pirâmide, o passado se afunila  
até um ponto  
ou presentempo  
estreito  
como o diâmetro  
da Terra.  
Logo  
(jogo de opostos)

a segunda pirâmide se amplia  
pelo futuro sempre vasto,  
miragem  
multiplicada por miragem  
que o *laser* eficaz  
dos microssegundos e macromilênios  
transforma  
em cinzas fumegantes.

Mas o amanhã e o hoje  
não dão meia volta? E dos dois lados  
da partícula do agora  
também não saem setas?

Estranhas

(espero  
que num décimo primeiro céu  
alguém  
tenha rabiscado algumas  
das suas possíveis  
respostas)

perguntas. (p. 221-222)

### **Agora (e ao lado)**

Depois do ano perde-&-ganha  
1945  
um bom número de nazistas  
obteve emprego na Nasa.

Outra parte – dita menor –  
associou-se  
à sigla diversa  
URSS.

Questão de gosto, talvez de olfato.

Preferência pelo odor  
deste  
ou daquele urso,  
tanto o protestante  
quanto o ateu  
tendo os céus

como a sua referência.

Nosso antiamém  
aos dois  
(ou ao menos  
o meu)  
ao vivo  
e em memória.  
Eles não se amavam  
ou talvez  
com paixão em excesso.

## 2

Físicos e ficcionistas  
que teorizam sem temor  
sobre os universos  
paralelísticos  
enxergam muito além:  
ianques e escravos  
enxaguando roupas  
de nazis  
em outros mundos.  
Dizem eles:  
"Ali,  
ao nosso lado, vizinhos"...

Tanques e máquinas de lavar  
com a suástica  
associada a alguns belos  
logotipos?  
Oh  
horror (g)ótico... (p. 226-227)

### **Fótons e afetos**

Os desertos que disseram  
eu teria que atravessar  
coloquei numa gaveta  
e busquei depois no mapa-múndi  
outros lugares  
onde pôr os pés  
com o resto do corpo

(convicto  
de que não existem só desertos  
na geografia dos desejos,  
no aqui e ali  
em que afetos e fótons  
se afunilam  
tanto quanto se esparramam:

fótons e afetos  
que se estreitam e se espalham  
durante a história  
em que a testa de cada um  
terá que evitar  
cabeçadas e quedas demais  
na paisagem  
estendida de berços a montes  
rodeados do restante).

Talvez  
mais do que dissessem desertos  
aliciassem  
– e eu  
com assidu  
idade  
ou  
visse  
uma série de sereias  
entre automóveis e todo  
o resto –

sem poder jurar  
já não haver sido  
um ser da sua espécie  
abrindo para os outros  
vários travessões de perigo.

Desertos, montanhas,  
pro  
fundidades  
cheias de vento ou de líquidos  
ali doces,  
salgados adiante  
sempre saltam  
do vácuo ou de gavetas.

“Devagar”  
é o velho conselho que os pés

acham difícil seguir  
convivendo com as pegadas de outros  
"antes de agir  
entre as aves altivas  
e os bichos que mastiguem fogo  
nos subterrâneos do mundo". (p. 228-229)

### Meses depois de

"Agora ou faz tempo"  
(pensou o físico entre os seus cálculos)  
"física é o nome  
da minha preciosa magia,  
a que – como física – apenas pode ser  
algo público,  
o que – como magia – não deve mais  
ter este nome preciso.  
Faz tempo ou agora  
física é o nome grego antigo  
dado ao termo persa  
magia  
não de todo esquecido  
pela minha sábia pessoa.  
Agora faz tempo"  
(calculou o físico entre os seus  
pensamentos)  
"podemos sacolejar o espaçotempo  
em segundos.  
Agora"  
(hesitou o físico)  
"que tempo faz mesmo lá fora?"

Alegre com tais cálculos  
e pensamentos,  
a Morte "destruidora de mundos"  
todavia  
estremeceu por um brevíssimo  
momento:  
"E se o bravo sapiens – em todos os sentidos –  
consegue um dia ensinar ao mundo  
a destruir a Morte?  
Será a glória ou afinal  
a minha participação forçada  
no jeito circular de ser  
de certas serpentes?". (p. 232-233)



## A vida, a não-vida e o nada

Jerusalém Atenas Alexandria  
Viena Londres  
Irreais

T. S. Eliot (1922)

Barulhos, Babel, Baal,  
balbúrdia  
nestes dias que já são décadas  
em formato de ca(c)os  
cada vez mais cosmopolita  
ou audiovisual.

Atravesse ruas e selvas  
como eu  
não dando a mão  
a uma simples criança  
mas a alguma cara geringonça  
enquanto carrega  
no interior da cabeça  
um novo modelo da velha  
televisão  
se não qualquer outra telinha da praça  
que peça:

"Confiança cega, neurônios.  
Temos sinopses  
que são realmente parte  
da razão  
das vossas sinapses,  
o melhor  
para os vossos egos e eros  
antes da sua grande  
erosão".

Sim, mas isto dito  
agora e sempre em silêncio  
em meio à baalbúrdia  
das nossas ágoras tão gordas  
com e sem fios  
que mandam a nossa razão

para o espaço  
faz um bom tempo.

Tema  
para távolas redondas  
de físicos, astronautas, filósofos  
ou qualquer outra nata  
observando o que enquadra  
neste planeta  
a vida,  
a não-vida  
e o nada. (p. 238-240)

### **Segundo milênio A.C.**

Babel,  
Babilônia.  
Ele declara, quase ruge, Hamurabi.  
Faz seus ditos ressoarem  
no escuro da rocha,  
diorito  
onde ordenou que inscrevessem  
seu autoelogio  
encabeçando um tronco maciço  
tatuado  
com 51  
colunas  
de leis.

Pedra  
depois perdida  
um número enorme de anos –  
ou mais  
de três milênios  
de soterra  
mento  
até poder vir a dar seus brados  
brabos  
outra vez:  
"Pois saibam,  
sou eu  
o príncipe escolhido, Hamurabi,  
os deuses  
me chamaram pelo nome,

touro bravo  
que chifra os corpos inimigos  
e cala a boca dos que berram  
enquanto  
conquista os quatro cantos  
do mundo”.

Baixo-relevo esculpido  
na área superior da rocha,  
sim, foi  
ele próprio  
que refez uns templos  
(de cidades  
que antes arrasou).  
Foi: “Vim  
trazer justiça para todos,  
minhas leis impedem que os fortes  
firam os fracos.  
Dominei povos de cabeças escuras  
e esclareci a Terra”.

Babilônia e outras cidades  
louvam o seu soberano  
através da voz cuneiforme  
do seu próprio soberano:  
“Eu sou  
o alto, o humilde, o inteligente,  
o poderoso” (com certeza), “o tal e qual  
o céu, aquele  
que providencia vários canais  
de água generosa  
protegendo  
a vida das gentes e das cidades,  
invencível  
que põe os pés  
mesmo na caverna dos ladrões,  
piedoso  
pastor de escravos  
e dos que sofrem alguma  
violência,  
sol  
sobre Suméria e Acádia,  
sumidade  
para cada um dos  
Quatro Cantos Do Mundo.  
Os povos agora me vejam  
fazendo justiça.

Sou eu,  
nesta pedra está a lei, o bem-estar  
das pessoas”.

Vaidade monumental do poder  
(imagem esculpida  
de pé  
estendendo uma das mãos  
diante de um deus sentado)  
mais do que  
simples poder da vaidade –  
alta relevância  
exibida com gana  
nos dois metros e pouco  
de um pré-*outdoor*  
de granito.

Estranho, porém,  
que ele já não andasse sobre as águas  
nem voasse a jato  
nem haja efetuado naquele tempo  
a fissão do átomo  
ou feito algumas ironias  
sobre a ideia  
do aquecimento global.

Sim, “sou eu”  
para o futuro pavor  
dos psicóticos,  
já com o seu compacto conjunto  
de leis. (p. 250-253)

### **Traumas em tempos de paz**

(Antes de 1914,  
depois de 1918.)

Não só os mais evidentes:

também os martelos invisíveis  
provocam dor  
quando – por isto ou aquilo –  
recaem  
com bastante vigor  
sobre as cabeças ou psiques

dos existentes,  
sempre imagináveis  
de modos vários,  
menos  
o de bigornas férreas,  
de fato resistentes.

São traumas  
em tempos de paz:  
precursores  
do que nas guerras  
tanta gente faz  
ou – depois destas –  
práticas  
de pós-doutores?

São o que forem,  
porém  
santos não, meus amores:  
demos  
a que nos damos com prazer,  
baixezas  
elevadas ao cubo.

Entre os fios desta fábula  
contudo  
talvez se possa ver no futuro  
algum  
que indique alívio  
para um número não desprezível  
de almas corpóreas:  
o de haver a sério  
certa paz  
mesmo quando em tempo  
de traumas. (p. 261-262)

### Díptico

porque esta dor que a alma me penetra  
não ache o menor bem na menor letra

Violante do Céu

Haverá  
quem pense à vera:

com agredido e agressor  
num mesmíssimo  
pacote  
ainda que não (ou nem sempre)  
em situação de pacto –

enquanto  
não tiver agredido  
alguma outra pessoa,  
o agressor  
não poderá ser agraciado  
com o seu diploma  
de agressor

e tampouco  
o sujeito agredido  
terá direito  
ao seu título apropriado  
(de Mestre ou Doutor)  
caso  
não mostre ao mundo  
ao menos um bom  
hematoma – obtido ou não  
dentro de casa.

O que  
atrairá a pergunta:

se a segunda  
parte do tema (o hematoma  
considerado  
em quantidade mínima agora)  
deve ser lida apenas  
à letra  
como traumatismo que se exhibe  
à nossa cara

ou se o sangue do seu caso  
também poderá ter  
caráter não restrito,  
dilatado,  
simbólico.

Uma  
tanto quanto outra resposta  
não impedem alguém de engatilhar

nova pergunta  
(de espírito oposto  
ao que primeiro foi pensado  
deveras):

antes do seu ato,  
o agressivo  
não  
merecerá todos os sinônimos  
de agressor  
e o passivo por seu lado  
não  
deverá ser visto como um verdadeiro  
sofredor  
previamente  
a no mínimo um choque  
bem sofrido?

## 2

"O mundo é dos espertos",  
sem a tentação da dúvida  
rezam os candidatos mais atentos  
a papéis  
nem um nadinha cândidos.  
Todavia,  
desde bem antes da véspera  
de anteontem,  
apesar dos seus vários caminhos  
e diversos des-,  
um  
ponto  
deveria ser  
trivial, tribalmente sabido:  
o  
dito mundo  
é de todos, espertos e não,  
qualquer o horizonte que se admire –

ar, terra, mares,  
usinas  
e armamentos nucleares. (p. 270-273)

## 7 x 1.000.000.000

A única evidência, pelo que sei, a respeito de outra vida  
é, primeiro, que não temos nenhuma evidência; e, em  
segundo lugar, que lamentamos muito não tê-la e  
adoraríamos ter.

Robert Ingersoll

Faça-se de conta  
que uma explosão  
(como inúmeras outras)  
já passa da conta.  
De quê?  
Poderá ser – entre mais coisas –  
de pê: superpopulação.

Neste século  
alguém faça  
não sei qual espécie de contas  
para vir bem a saber:  
sim,  
SUPERPOPULAÇÃO,  
acrécimo de corpos  
& psiques  
(psicorpos, corpsiques),  
nunca de nova matéria  
ao Mundo,  
sempre com o seu mesmíssimo  
ABZ.

Com certeza  
uns (os corpos) tão só  
se transmudam.  
Mas umas (as outras)  
emudecem  
um dia para valer  
aos pés  
dessa transformação?

(Sobre esse belo colar  
desfeito  
e ao menos em parte  
feito sempre  
perturba perguntar  
para onde irão todas



as contas.) (p. 274-275)

## Não “se” mas “quando”?

Se os geneticistas estão corretos, entre 500 mil e 800 mil anos atrás, algo [...] destruiu a maior parcela da população humana, reduzindo-a a mais ou menos meros mil indivíduos.

Charles Seife

Depois  
de valas e mais valas,  
transformamos ao menos  
nossas maneiras  
à mesa  
(ou a ira  
com que conseguimos  
virá-la).

Grande,  
grave conquista:  
fazemos agora  
revoluções  
que mudam formas de governo,  
não  
o “modo de produção  
capitalista”.

Mas quase nunca seguimos  
nossas bem sábias estantes,  
descendo  
punhos e cucas  
às ágoras  
para defender de verdade  
os direitos  
da terra, do ar, das águas,  
das éguas  
e do restante que reside,  
resistindo,  
em redes da natureza

contra o que nossas nucas  
e fronteiras  
fazem com ela:  
fezes químicas, industriais, nucleares

e não sei mais o quê  
de nossas linhas de frente  
e costas  
(ou já circunferência sem limites)  
atirados  
em seus pobres poentes  
e pomares.

Avante  
assim mesmo,  
burgoproletários, campocitadinos  
de todo o planeta!  
São talvez  
seus ventos sacros  
aliados aos laicos  
que vêm reunindo forças  
e fúrias  
na grande praça do mundo  
diante  
de nossas fuças.

Palácios e palhoças  
mal irmanados  
o que irão poder  
ignoro  
perante os zilhões  
de soldados inumanos  
de pântanos,  
desertos,  
roças e não roças.

Uma raça inteira  
pode prosseguir  
algum tempo urinando  
por exemplo  
petróleo  
mais ou menos  
dolarizado –

não orar no futuro  
aos deuses  
das suas hipermodernas  
usinas  
por no máximo algumas horas  
não doloridas.

(Se “meros mil” foi o número

que nada indica  
ter saído apenas da humana  
matemática,  
"quando" virá – pois "onde" é aqui mesmo –  
a próxima subtração  
é coisa que não preocupa tanto  
como o "quanto"  
de nossa atual mas pouco inocente  
ignorância.)

Sim,  
palhaços, polícias  
e mais aditivos,  
o que mal ou (enfim)  
bem irmanados  
poderemos fazer  
desconheço,  
o que talvez abasteça  
certa esperança in  
certa. (p. 278-281)

### O dia do juízo final

O  
dia-espada  
ou  
escada-da-razão  
em que cada  
um de nós  
iria  
pensar claro,  
certinho, racional  
mente  
afinal  
nunca veio.

E  
se houvesse  
tal  
advento  
aqui  
no terra-a-terra,  
na geral  
correria  
(na correria-guerra

da geral),  
alguma gente  
todavia  
com sua dialética  
do esclarecimento  
ex-correria  
sabendo  
que esse dia-sabão  
escorreria –  
pelo ralo,  
é  
claro. (p. 283-284)

### Otimismo

No fim de tudo  
o luto?

No fim do luto  
me iludo  
de novo  
que de outra vez  
farei  
melhor estudo,  
terei estalos  
bem mais espertos  
para evitar  
um fim-de-tudo.

Quem sabe  
assim  
até acerte  
com precisão  
de sabre  
antes de haver  
o fim-de-tudo  
que já  
ao soar do A  
promete a  
quizombaria extrema  
ainda não  
decodificada bem  
pelo nosso QZ.

Quem sabe  
alguma vez  
(proeza  
e o que mais?)  
as minhas setas  
não piruetem  
– mas  
zutezotezitezetezáz:  
aprendam,  
avancem retas  
previsíveis  
portanto *efic*  
*azes*  
à p  
az  
.  
.  
.(p. 292-293)

Recebida em: 11 de março de 2025.  
Aprovada em: 15 de março de 2025.